

sessões do
MAGINÁRIO

ano XVII | n27 | 2012/1



6

O feminino e o pós-moderno: o contexto do hipergênero

Helen Garcez Braun¹



Resumo:

Este ensaio busca identificar em narrativas femininas que circularam pela mídia, questões que envolvem gênero e pós-modernidade. Através de matérias que foram ao ar no rádio, contando distintas histórias de mulheres, propomos um debate que visa perceber, em que medida, estas histórias estão permeadas por conceitos da pós-modernidade encontrados em autores como Michel Maffesoli, Jean Baudrillard e Gilles Lipovetsky.

Palavras Chave:

Comunicação, Gênero, Pós-modernidade.

Abstract:

This essay seeks to identify female narratives that circulated in the media, issues involving gender and postmodernity. Through features that were aired on the radio, telling different stories of women, we propose a debate that seeks to understand to what extent these stories are permeated by concepts of postmodernism found in authors such as Michel Maffesoli, Jean Baudrillard and Gilles Lipovetsky.

Keywords:

Communication, Gender, postmodernity.



Introdução

Este trabalho tem como objetivo analisar três narrativas de mulheres distintas que foram veiculadas pela *Rádio Guaíba*. Esta análise irá ocorrer com base nas matérias que foram ao ar e no texto e contexto integral da entrevista. A idéia é observar representações de gênero nos discursos femininos e, em que medida, estas representações estão ligadas a conceitos de gênero e pós-modernidade/hipermodernidade presente em autores como Michel Maffesoli, Jean Baudrillard e Gilles Lipovetsky.

As três reportagens aqui apresentadas foram elaboradas pela autora do Ensaio, que também fez as entrevistas. O objetivo de fazer esta análise das narrativas femininas se dá pela afinidade desta pesquisadora com debates sobre gênero. É necessário explicar aqui que gênero é uma palavra que usamos conforme a descrição apontada por Scott (1986) - uma construção social, que designa relações sociais entre os sexos. O uso da expressão gênero se dá porque rejeitamos explicações biológicas, deterministas, como aquelas que encontram um denominador comum para várias formas de subordinação. Trata-se de uma maneira de indicar as construções sociais de idéias sobre os papéis dos próprios aos homens e às mulheres.

Assim como Agger (apud. Escosteguy, in Hohlfeldt, 2010), acreditamos que a cultura não significa simplesmente sabedoria recebida ou experiência passiva, mas, um grande número de intervenções ativas – expressas mais notavelmente através do discurso e da representação. Por isso, cremos que é importante buscar no social o discurso que este produz/veicula sobre si.

Na primeira parte deste artigo apresentaremos nosso objeto de estudo: as três

reportagens que serão analisadas. Em um segundo momento, faremos uma breve explanação sobre os pensamentos dos teóricos aqui utilizados como base para nossa análise. Nosso terceiro passo será relacionar as narrativas femininas com as idéias apresentadas por nossos autores. Por fim, apresentaremos hipóteses que levantamos ao longo desta construção teórica.

Parte 1: As narrativas femininas

As três narrativas aqui estudadas foram elaboradas para o quadro “Histórias” que, inicialmente, foi apresentado com o nome “A vida dos outros”. Este quadro era transmitido uma vez por semana na Rádio Guaíba, dentro do programa “Guaíba Cidades”. A mudança de nome deste quadro ocorreu com uma transformação no projeto do programa – que, por volta de maio de 2010, passou a buscar uma linguagem que pudesse atingir não somente as tradicionais classes A/B (maioria do público da emissora), mas, sobretudo, a classe C.

A idéia era trazer, em reportagens de até 10 minutos, histórias de pessoas, lugares, ou, projetos que, normalmente, não possuem visibilidade dentro do hard news. Além disso, tais histórias deveriam ser contadas de forma a fazer uma livre adaptação do new journalism para o rádio. Ou seja, com uma linguagem menos objetiva e mais trabalhada, com o uso de trilhas sonoras que pudessem se adequar e, de certa forma, compor o texto da matéria e com um espaço maior para a fala dos entrevistados (já que, em matérias do dia-a-dia, tais falas costumam ter, no máximo, 30 segundos).

As Histórias eram escolhidas aleatoriamente pela idealizadora do quadro. Não precisavam ter,

necessariamente, algum vínculo com notícias do cotidiano. Embora, a primeira reportagem que tenha dado início a esta série tenha partido de uma pauta cotidiana (*hard news*) – a história da “Catadora de lixo”. Dentro do período em que o quadro foi veiculado foram ao ar desde a história de um morador de rua, com quem a repórter cruzou na saída da rádio e resolveu conversar porque ele estava lendo o jornal *Correio do Povo*, até a retomada da história do Hospital Itapuã, antigo Leprosário, do Estado do Rio Grande do Sul.

História 1: A Catadora de lixo

Esta história foi difundida em uma única matéria. Ela foi feita com base em uma pesquisa da *Fundação de Economia e Estatística do RS* (FEE) que revelou que quase dois milhões de gaúchos vivem abaixo da linha da pobreza (com menos de meio salário mínimo por mês). Devido à pesquisa, a repórter foi designada, pela chefia de reportagem da Rádio, a encontrar uma família que vivia nesta situação. A idéia inicial, era ir para as Ilhas de Porto Alegre buscar famílias nestas condições. No entanto, como, no mesmo dia da divulgação desta pesquisa, a profissional foi destinada a cobrir outra matéria em Canoas, ela acabou encontrando um galpão de reciclagem, onde buscou o case de uma família que conseguisse viver com menos de meio salário mínimo por mês.

A personagem, Vera Regina Stactiz, foi quem se dispôs a falar com a repórter e começou a contar seu dia-a-dia. O foco da entrevista (das perguntas feitas) era saber de que forma era possível sobreviver com tão pouco dinheiro - como era este cotidiano de recursos restritos. Então, a personagem conta o que comia, como fazia para

“driblar” as contas, descreve o seu trabalho faz uma ressalva sobre a questão da vaidade feminina – já que no galpão onde trabalhava todas eram mulheres.

História 2: Presidiária

Esta é uma matéria que foi veiculada em três capítulos. Inicialmente, a idéia era contar o cotidiano do presídio pela ótica/voz de um presidiário – e que o personagem tivesse “uma boa história” para contar. Para se chegar a esta personagem (Elenara) foi necessário fazer uma solicitação à Superintendência dos Serviços Penitenciários (Susepe) que, consentiu que a entrevista fosse feita, desde que dentro da *Penitenciária Feminina Madre Pelletier* e com a presa por eles indicada.

A primeira dificuldade foi colocar que era fundamental, para a pauta que repórter e apenada ficassem sozinhas durante a entrevista (pois a Casa Prisional queria que uma funcionária do quadro acompanhasse o trabalho). Portanto, a entrevista só se deu depois que a profissional e a detenta ficaram sozinhas em uma sala da direção do presídio.

Ao todo, a conversa com Elenara durou cerca de três horas. E, o que mais chamou a atenção da repórter na entrevista foi a condição das “duas prisões” vividas pela personagem: a primeira física, visível – ela estava dentro de um presídio – a segunda, no entanto, não era visível, mas, era sensível: a prisão da mulher: em todos os instantes da conversa, a personagem ressaltava a questão da distancia dos filhos, o fato de não receber visitas da família, ausência esta que ela tenta justificar racionalmente: “porque minha irmã, que está com eles (os filhos) acha que afeta o

psicológico deles”. Por este motivo, a idéia passou a ser contar a história de Elenara em três capítulos, com focos diferentes em cada um.

No primeiro capítulo da série, o foco é a maternidade. A intenção era fazer com que, qualquer ouvinte mulher/mãe pudesse se identificar a personagem, sem julgar o fato de ela ser uma apenada. Assim, só no final do primeiro capítulo o ouvinte fica sabendo que aquela é a história de uma presa. No segundo capítulo, o foco é a História da personagem – como ela cresceu, no que trabalhou e de que maneira ela passou de empresária a presidiária.

Já no terceiro capítulo, a idéia foi mostrar o cotidiano da prisão, na voz de Elenara. A diferenciação feita entre as presas (que trabalham, ou, que não trabalham; que vivem nas galerias, ou, na creche). Como se faz para conseguir ganhar dinheiro dentro da cadeia (ela cita que trabalha como manicure), as disputas e tensões entre as mulheres. E, por fim, dar uma pincelada sobre o que se pode esperar dentro deste contexto, como aquela personagem desejava se ver fora dali.

História 3: A mulher dos livros

Esta foi a segunda reportagem da série e foi gravada durante uma viagem da repórter/pesquisadora ao município de São Francisco de Paula (RS). A idéia era conhecer a dona de uma livraria que passou a ser ponto turístico da cidade: em um município que tem cerca de 20 mil habitantes, a *Livraria Miragem*, de Luciana Olga Soares ocupa quase dois mil metros quadrados, no centro de São Francisco.

A história da livraria é a história de Luciana, uma mulher que se apaixonou pelos livros ainda na infância e que hoje dedica a vida às obras

que difunde em seu estabelecimento comercial. Esta é a única narrativa aqui analisada em que a personagem não se encaixa em um conceito de destituição conforme o desenvolvido por Souza (2009).

Formada em História, Luciana sempre trabalhou com atividades intelectuais e, na reportagem, conta que os livros entraram em sua vida como um refúgio para a solidão. Atualmente, eles servem como uma ligação e contribuição que Luciana faz à sociedade. Além da Livraria, ela possui uma espécie de museu com fotos antigas e objetos que fizeram parte da história de São Francisco de Paula. Conversar com Luciana faz parte dos atrativos da Livraria Miragem. É através de diálogos sobre a condição do homem e da sociedade que ela recepciona os turistas.

Sabemos que analisar um trabalho que foi realizado por nós pode dar margens a questionamentos referentes à qualidade crítica desta análise. Todavia, acreditamos que precisamos estar ligados, de alguma forma, ao nosso objeto de estudo. Essa não deixa de ser uma maneira de fazer a sociologia do lado de dentro, proposta por Maffesoli (2010).

Parte 2: Pós-modernidade, hipermodernidade e questões de gênero.

A base teórica deste ensaio está nas obras de Michel Maffesoli – *Conhecimento Comum: introdução à sociologia compreensiva*; Jean Baudrillard – *Tela Total: mito-ironias da era do virtual e da imagem*; e Gilles Lipovetsky – *Metamorfoses da Cultural Liberal e A terceira Mulher: permanência e revolução no feminino*.

Maffesoli faz uma construção teórica destacando as diferenças entre sua proposta – de

uma sociologia compreensiva - e a tradicional - sociologia romântica. Esta proposta de Maffesoli é contrária ao dualismo: *razão x imaginação* que ele afirma ter regido o positivismo.

Para estudar os fenômenos sociais, Maffesoli admite que o pesquisador é parte do que descreve e deve ser capaz de manifestar uma intuição sobre os temas pesquisados. Além disso, é importante admitir que não se estuda, na sociedade, um sistema fechado: isto porque não há uma realidade única e, sim, maneiras diferentes de conceber esta realidade. Assim, a verdade, idealizada pelos positivistas, não pode ser estanque: ela é sempre momentânea, factual.

Tal como, de modo pertinente, o assinalou R. Boudon, há efetivamente uma dicotomia entre uma produção teórica que repousa na idéia do saber absoluto - e que, de maneira ordenada empregará uma "escrita universalista" - e um projeto mais intuitivo, atento em sua expressão à finitude e à pesquisa estilística. (...) Há um estilo do cotidiano feito de gestos, de palavras, de teatralidade de obras em caracteres maiúsculos e minúsculos, do qual se deve dar alguma conta (Maffesoli, 2010, p. 40-41).

Observamos ainda, na citação acima, a importância que o autor dá a um estudo que esteja pautado pela vida real: "O discurso sobre o social precisa escutar o discurso do social" (p.75). A sociologia qualitativa precisa preservar a singularidade de atos e situações. Neste ponto nos detemos para respaldar o fato de que calcamos nosso estudo em narrativas obtidas junto ao social.

Acreditamos que as histórias de vida podem revelar importantes retratos sociais uma vez que o indivíduo vive de idéias sociais. Ao falar sobre si, a pessoa traz à tona representações coletivas, a vida cotidiana revela sua importância, adquirindo sentido nas relações que são estabelecidas.

Reconhecemos, no entanto, que as observações que fazemos ao analisar narrativas/histórias de vida são observações impermanentes, válidas para um momento determinado. Isto porque ela é uma verdade plural, móvel feita para explicar um discurso social igualmente heterogêneo e mutante.

Tela Total, de Jean Baudrillard, é uma reunião de artigos/ensaios publicados pelo autor no diário parisiense *Libération*, entre 1993 e 1997. Neste livro o autor aborda questões como o esgotamento da mídia através de um excesso de informações, o novo imperialismo, limpeza étnica, efemeridades entre outros temas. Todavia, iremos abordar aqui ensaios que possuem conceitos importantes para nossa análise.

Em "*Nada de piedade de Sarajevo*", o autor traz um debate sobre o esgotamento da mídia que consegue levar uma situação dramática (a Guerra) a um estado de hiper-drama. "É um inferno, mas um inferno, de qualquer maneira, hiper-real, tornado mais hiper-real ainda pelo esgotamento provocado pela mídia e o humanitário, dado que este torna ainda mais incompreensível" (Baudrillard, 1999, p.17).

Dentro desta sociedade vidual, ele afirma que precisamos nos comparar aos infelizes, para nos considerarmos felizes. "Na atualidade é tacitamente impossível nos programas de informação, mostrar na televisão outros espetáculos que não o do sofrimento" (Daniel Schneidermann, apud. Baudrillard, 1999, p. 18).

Ainda neste enfoque, de destaque da miserabilidade humana pela mídia e de esgotamento da mesma, o autor discorre, em "Fantasmas televisuais" sobre o papel da televisão não como meio, mas, agindo como sujeito. As narrativas aqui abordadas foram veiculadas em

rádio, porém, acreditamos que a observação é válida também para este outro veículo.

Nos dois casos (rádio e TV) o esgotamento de assuntos, o fato de os meios de comunicação remeterem uns aos outros e só falarem entre eles, nos leva ao momento que hoje vivemos e que, neste texto, Baudrillard antevê: "Terminaremos por procurar a imaginação cada vez mais longe do poder, de qualquer poder (sobretudo longe do poder cultural, tornado o mais convencional e o mais profissional possíveis): Junto aos excluídos, aos imigrantes e aos SDF (sem domicílio fixo)" (p.161).

Cada vez mais as narrativas de destituídos parecem permear o imaginário midiático. Entre elas, há um destaque especial àqueles que de, alguma forma, "venceram na vida"². Acreditamos que mostrar a realidade social é papel fundamental da mídia. O problema, que o autor bem coloca, é o momento em que tal miséria torna-se massificada. Então, ela deixa de ter sentido: "E aí, também, o excesso de informação proliferante excede de longe as necessidades e as capacidades do indivíduo e da espécie em geral, resta-lhe como sentido ligar o conjunto dos seres humanos num mesmo destino de automatismo cerebral e de subdesenvolvimento" (p.104-105).

Por último, gostaríamos de destacar colocações deste autor em "Sexualidade transmissível". Este ensaio, que se propõe a ser uma crítica à indústria do assédio sexual, acaba por questionar as reivindicações históricas do feminismo. Segundo o autor, o masculino foi amplamente atacado pelas reivindicações de igualdade dos sexos:

Tem-se medo de pegar AIDS, mas tem-se medo também de pegar qualquer coisa que se assemelhe

à paixão, à sedução, à responsabilidade. E, nesse sentido, o masculino ainda é mais profundamente vítima da obsessão negativa do sexo. A ponto de retirar-se do jogo sexual, saturado de ter de assumir tal risco, cansado também, sem dúvida, de ter assumido historicamente durante tanto tempo o papel de poder sexual. Disso, o feminino e a liberação das mulheres despojaram-no, ao menos de direito (e amplamente de fato). Mas as coisas são mais complicadas, pois o masculino, assim emasculado e despojado de seu poder, aproveitou para apagar-se e desaparecer – abandonando a máscara fálica de um poder tornado de toda maneira cada vez mais perigoso. Aí reside a vitória paradoxal do movimento de emancipação feminina: este teve demasiado êxito e deixa o feminino diante da fragilidade (mais ou menos tática e defensiva) do masculino (Baudrillard, 1999,p.84).

Neste trecho, o autor faz uma espécie de justificativa para a fragilidade masculina atual: os homens fogem de suas responsabilidades e abrem mão de posições históricas, assumindo seu “impoder” por causa das reivindicações femininas de poder. E vai adiante : “(...) para o masculino, o sexo torna-se a obsessão quase irreal de uma função desaparecida, que só consegue se exercer no fantasma do estupro – e, para o feminino, um meio de chantagem” (p. 87).

O impoder masculino justificaria o assédio, o estupro. A denúncia de tais atos para ele se tornou uma espécie de “chantagem do feminino”. Gilles Lipovetsky aborda em *“Metamorfoses da cultura liberal”* temas como a complexidade – como uma análise mais elaborada para explicar o pluralismo pós-moderno -, e responsabilidade – em seus níveis individuais e coletivos. Em um primeiro momento, o autor toma a si mesmo como objeto de estudo, tentando compreender de que forma Narciso vive nos dias de hoje.

O narcisismo pós-moderno, conforme

Lipovetsky, aponta para uma necessidade do homem (e da mulher) de domar a natureza. “A obsessão de si, hoje, manifesta-se menos pela febre de prazer e gozo que pelo medo da doença e da idade, a medicalização da vida” (Lipovetsky, 2004.p.20).

Dentro desta construção à la carte do ser (que envolve tanto homens quanto mulheres) cria-se uma necessidade de autogoverno do indivíduo diante de um futuro indeterminado. Tanta liberdade teria levado Narciso não ao triunfo, mas, à fragilização de si.

Na pós-modernidade retratada pelo autor, a moral perde espaço para a ética. Após sairmos de uma moral imposta pela Igreja e o Estado, onde o homem não poderia alcançar virtude sem a ajuda de Deus e de dogmas teológicos, passamos por um período que pregava o culto laico de uma entrega abnegada à família, ou, à pátria.

Porém, após superarmos estas duas fases, ingressamos em um momento no qual se exalta mais os desejos, o ego, a felicidade, o bem-estar individual, do que o ideal de abnegação (p.27). Estamos em uma esfera da moral individual. Que, com a descrença na política, no progresso e no Estado, nos faz ver a prosperidade da ética. “O sucesso da ética corresponde ao fracasso das ideologias messiânicas” (p.32).

Por fim, vale destacar o tratamento que este autor dá à mídia. Sem negar que esta favoreceu a uma uniformização social e a um conformismo homogêneo, ele relativiza o poder que é atribuído a este setor da sociedade. Segundo o Lipovetsky, a mídia também precisa ser reconhecida como um fator de liberação que permite aos indivíduos questionar e emancipar-se de grandes esquemas preconcebidos. “Assim, o poder emocional da mídia é, ao mesmo tempo, profundo e superficial, direto, mas não mecânico, sem dúvida, impossível

de ser comparado a um maestro dirigista e soberano” (p.81).

Já em *“A Terceira Mulher- Permanência e Revolução do Feminino”*, este autor se propõe a categorizar três fases distintas do feminino, com ênfase neste terceiro momento – o atual. Nesta obra, ele constata a existência de dois princípios invariantes e universais: o primeiro, determina que as funções masculinas e femininas não se sobrepõem – o que um sexo faz, exclui automaticamente o outro e vice-versa. O segundo, que as atividades do masculino têm sempre um prestígio maior ou um reconhecimento social superior às do feminino.

A primeira mulher, portanto, não foge a estes princípios. Ela é tida como detentora de poderes ocultos, místicos que escapam à razão lógica e que, por isso, tornam-na um ser temido, associado ao mal.

A segunda mulher, existente na Idade Média, é um ser adorado, sinônimo do belo, do sensível. São amantes, mães, Deusas. No entanto, permanecem reclusas à esfera do privado. Mesmo adoradas, elas precisam ser controladas, impedidas de exercer suas vontades, seu intelecto, sua liberdade.

Ao chegarmos à Terceira Mulher nos deparamos com um ser que deixa de ser dependente do homem e passa a ter acesso a todas as esferas da vida (pública e privada; individual e social). Porém, esta seria uma mulher “indeterminada”. Ou seja, estaria, assim como os homens, à mercê de angustias e anseios resultantes do fato de serem responsáveis pela própria vida. Esta mulher sofre ainda com a exigência de marcar a diferença (fator que traduz o poder de cada gênero). Isto significa que as diferenças entre os gêneros, na verdade, não desapareceram. Embora menos evidentes, elas permanecem atuais.

Parte 3: Lendo narrativas

Começamos nossa análise com a história da “Catadora de Lixo”. A recicladora Vera Regina Stacntiz, de 40 anos, ganha em média R\$ 150,00 por mês. Com este dinheiro ela tem que arcar com custos fixos como água e luz e sustentar os 4 filhos. Vera trabalha em um galpão de reciclagem e todas as suas colegas de trabalho são mulheres.

Ela acorda cedo para levar os filhos para a escola. Antes de sair, o desjejum da família é composto por pão, ou, café preto:

E a gente come um pão, ou, quando não dá, toma um café preto. E leva pra escola porque na escola a gente pensa que eles vão comer. Ou, pelo menos, é pra eles comer, não é? Porque o Governo hoje não dá mais aquela alimentação que nem era pra dar.

Sem poder atender sequer suas necessidades básicas – como a alimentação – Vera não expõe questões mais amplas sobre o cotidiano:

Helen: Tu tens vontade de sair dessa função (de recicladora)?

Vera: Olha, a gente não pensa muito nisso não. Pensa mais é, assim, em garantir o básico né: comida, educação pros filhos. E corre pra pagar as contas. Torce pra água não dá muito cara pra poder pagar a luz. E se a luz der cara, não paga a água. Assim vai...

A história de Vera foi escolhida para ilustrar como vivia uma família gaúcha que recebe menos de meio salário mínimo por mês (abaixo da linha de pobreza), segundo a classificação da Fundação de Economia e Estatística do Estado. A idéia era “dar vida” à realidade exposta pelos números da FEEE.

Se por um lado, ilustrar a miséria pode nos levar a uma reflexão, por outro, esta ilustração

pode ter uma conseqüência contrária: fazer com que nos sintamos confortáveis, ou, indiferentes. Isso acontece no momento em que o sofrimento passa a ser um espetáculo. (Baudrillard, 1999, p.18). Intelectualizar a pobreza, segundo este autor, pode fazer com que “os intelectuais, inofensivos e impotentes trocam a própria miséria pela dos miseráveis” (p.17).

Em outro trecho, Vera levanta um aspecto fortemente ligado ao feminino - a vaidade:

Vera: Não é porque a gente trabalha com lixo que não gosta de fazer uma unha, colocar um batom...

Helen: E tu encontras aqui, no lixo, algo de valor

Vera: Sim. A gente fica muito feliz quando acha um restinho batom, ou, um restinho de xampu pra nós lavar nossas cabeças.

Lipovetsky destaca a importância da beleza para as mulheres atuais: “já não temos o advertências contra os perigos da beleza, mas o bem-estar, o equilíbrio e o êxito. O nosso imaginário social reconhece-se doravante sem reservas na célebre definição de Stendhal: a beleza, na era pós-moderna, não é mais do que uma promessa de felicidade” (Lipovestky, 1997, p. 173).

Ainda nos detendo neste trecho do diálogo com Vera, gostaríamos de nos apropriar de um conceito emitido por Maffesoli “banalidade”. Ele usa esta expressão para se referir a um projeto epistemológico. Todavia, cremos que, na situação em questão, poderíamos usar este conceito para nos referir à forma como Vera Regina se valoriza, se percebe, ou, quer fazer-se perceber. A banalidade para Maffesoli “se associa a um processo epistemológico, pelo qual aquilo que se pode saber vem a ser o que se oferece à visão, o que se teatraliza” (p.111). A vaidade de Vera, a alegria em encontrar um “restinho de batom,

ou, xampu” se dá pela importância que ela refere à forma como quer ser apresentada. A beleza é descrita como um valor.

Voltamos nosso foco agora para a história de Elenara. Além de ser personagem de uma matéria, destacamos ainda que ela integra o grupo de apenadas que estamos pesquisando em nossa Dissertação. Portanto, os diálogos aqui apresentados apareceram em parte nas matérias que foram veiculadas na Rádio Guaíba e alguns também fazem parte de outras conversas que tivemos com ela já durante o trabalho de Pós-graduação.

Estamos vivendo em uma sociedade hiperexcitada, onde individualismo e hedonismo aparecem de maneira exacerbada, e os valores que permeiam o feminino estão intimamente ligados a esta “cultura do mais”. Cumprindo pena por tráfico de entorpecentes e formação de quadrilha, portanto, distante da família, o assunto que mais envolve Elenara é o ideal materno.

Mãe de 4 filhos, ela destaca uma certa culpa por não ter conseguido dedicar tempo suficiente aos filhos mais velhos:

Eu não to dizendo que eu nunca fui mãe, pelo contrário, eu sempre fui uma boa mãe, eu sempre procurei dar as coisas melhores, mas, o teu tempo, o teu tempo muito curto na rua, ah... Tu não tem tempo pra parar, pra ficar numa pracinha, pra... Porque tu tem que trabalhar, trabalhar, trabalhar... e daí tu esquece um pouco de viver. De viver com teus filhos. Tu acha que aquele dali só o dinheiro tu dando, melhor escola, assim como meus pais fizeram pra mim, eu quis fazer pros meus filhos. Então daí tu acaba te esquecendo um pouco como os meus pais se esqueceram um pouco de mim, achando que eu ia, digamos assim, eu precisava só de tudo (suporte econômico). E daí a gente acaba se esquecendo um pouco que as vezes também precisa de amor, precisa daquele contato né: mãe e pai.

Ou seja, assim como relata Lipovestky (1997, p.199-212), Elenara é uma das mulheres que passou a integrar uma dupla jornada: profissional e mãe. “Desde os primórdios da humanidade, as atividades femininas foram sistematicamente depreciadas, ou, ignoradas. É verdade que a fecundidade escapa ao processo de desvalorização social” (p.210).

Ser uma boa mãe é uma espécie de “valor maior” que, quando não realizado, faz com que a mulher reconheça em si um sentimento de culpa, ou, inferioridade. Mesmo tendo rompido com muitas barreiras, a nova mulher, ou, a Terceira Mulher, como chama o autor, ainda está muito arraigada a valores socialmente enraizados.

Baudrillard (1999, p. 65-70) aponta uma crise atual: a crise da alteridade.

Pois a alteridade ressurgiu forçosamente, mas de outra maneira, sob a forma de vasta e tenebrosa cumplicidade de uma geração que, enfim, escapa ao olhar adulto, não se preocupa mais em tornar-se adulta – adolescência sem fim e sem finalidade que se autonomiza sem consideração pelo Outro, por si mesma e volta-se por vezes violentamente contra o Outro (p.67).

Em outra fala de Elenara podemos retratar que a crise de alteridade, retratada por Baudrillard, pode ser relativizada: talvez o Outro – distante e inacessível – não desperte em nós uma capacidade de senti-lo, de nos colocarmos em seu lugar. Porém, se este Outro é próximo, faz parte de nossos afetos, podemos por ele nos tornar abnegados.

Porque o que eu mais tinha medo é de que meus filhos chamassem outra pessoa de mãe. Mas, isso, Graças a Deus, não aconteceu. Então, não é a

sociedade que me preocupa, eu tô me lixando pra sociedade. O que me preocupa é como eles vão me receber.

Ou seja, se há uma crise de alteridade, dentro dela, o ser humano parece importar-se menos com fatores distantes (pátria, religião) e mais com aquilo que lhe é próximo, que lhe é caro.

A verdadeira moral retraiu-se para a esfera interindividual, liberada da ideia do imperativo permanente. Isso não significa que não há mais moral, mas que a moral dominante em nossas sociedades é uma moral interpessoal e emocional, indolor e não imperativa, uma moral adaptada aos novos valores de autonomia individualista (Lipovetsky, 2004, p. 30).

Maffesoli (2007, p. 94) nos faz lembrar a importância de reconhecer o social e as relações que permeiam o indivíduo. “A sociedade é vários” (Georges Balandier, apud, Maffesoli, 2004, p. 67). Acreditamos nesta afirmação, pois aquilo que entendemos ser é constituído da forma como aprendemos a nos ver. Somos seres relacionais. Elenara revela isso em outra fala sua:

Eu venho de uma família legal, né? Uma família que, graças a Deus, sempre deu estudo. Sempre deu... Nunca deixou faltar nada. Eu venho de uma família que, foi protegida em todos os sentidos, né? Até protegida das coisas erradas, das coisas certas. Graças a Deus, eu não posso dizer assim oh: porque tem muitas pessoas que falam assim oh; ah, traficante porque a mãe é vagabunda. Ah, traficante porque, veio da favela. Foi pro mundo da droga porque os pais são isso... Não, não é assim. Não é bem assim, entendeu?

Neste ponto, podemos perceber o quanto ela reconhece o discurso social predominante

“Traficante porque a mãe é vagabunda, porque veio da favela” e o quanto busca desconstruir este discurso com a sua própria realidade. Os valores citados por Elenara “venho de uma família legal que, graças a Deus, sempre deu estudo”, identificam-se com valores extraídos da vida social e que estão expressos na sua configuração de identidade. No entanto, mesmo tendo absorvido tais valores, Elenara se identifica como alguém que fez uma “coisa errada”. Sua escolha individual foi contrária aos valores que teria aprendido na vida social.

Agora, iremos nos deter na história de Luciana Olga Soares. Proprietária de uma livraria no município de São Francisco de Paula, ela tem uma vida dedicada aos livros e à cultura. Ainda na infância Luciana se refugiava na biblioteca dos pais para fugir da solidão. Desde esta época, eles passaram a ser sua maior companhia.

Formada em História, Luciana foi professora e, ao se aposentar, decidiu abrir em sua cidade natal uma livraria. Maffesoli fala sobre o “laço social”, aquilo que o ser humano cria um vínculo: seja com seu objeto de estudo, com sua comunidade. Luciana traduz este laço social ao justificar porque colocar uma de grande porte em uma pequena cidade da Serra Gaúcha: “Se tu quiseres dar um passo a frente tem que, antes, dar um passo atrás. Senão, tu não tens firmeza. Eu acho que a gente tem uma dívida com o local onde a gente passa a infância”.

Habituada a viajar, ela revela que suspendeu este prazer por se sentir incomodada com a homogeneização comportamental:

Helen: A senhora costuma viajar?

Luciana: Viajei, muito quando era adulta... Agora não viajo mais. Pra que? Pra ver as pessoas tomando Coca-cola e comendo Mc Donald's em

todos os lugares? A globalização tirou o encanto de tudo, deixou tudo igual. Nós temos que trabalhar nossa diferença.

Esta percepção de Luciana assemelha-se à crítica feita por Baudrillard em relação ao novo imperialismo: “O imperialismo mudou de rosto. O Ocidente quer impor doravante ao mundo inteiro, sob a cobertura do universal, não os seus valores, completamente desconjuntados, mas justamente sua ausência de valores” (1999, p. 32). Em outra fala, Luciana nos remete, mais uma vez, a Baudrillard: “As crianças vão crescendo e nós vamos ensinando tantas coisas que elas se perdem. Somos nós que fazemos elas se perderem”.

Baudrillard relata em “O Continente negro da infância” uma ruptura entre a ordem biológica e a ordem simbólica que faz com que crianças passem a ser um ser distante e estranho. Em parte, também produzido pelo universo midiático: “Há de resto uma estranha coincidência entre este estado infantil anterior ao princípio de realidade e o universo da realidade virtual, nosso universo midiático adulto, posterior ao princípio de realidade, onde o real e o virtual se confundem” (p.67). E acrescenta: “Hoje a aceleração geral condena a infância à obsolescência acelerada (...) criança é desde agora espécie em via de extinção” (p. 68-69). O desaparecimento da infância seria uma consequência direta da idéia de permanência em uma adolescência, que não tem finalidade nem consideração pelo outro.

Parte 4: Hipóteses (em) conclusão:

Embora não haja um equivalente masculino de cada uma destas personagens para que se possa traçar um comparativo (já que ao falar em gênero, nos situamos em uma questão relacional), de certa

forma, parece que todas estas histórias reforçam alguns aspectos presentes dentro de um mito do feminino: seja ele a maternidade, o amor, ou, a vaidade. Isto porque, mesmo a ausência destes aspectos faz com que eles se tornem presentes: Luciana – que é a única de nossas entrevistadas que não tem filhos, nem menciona questões como vaidade, feminilidade, afirma que sua opção de vida se deu por um sentimento de profunda solidão: “Isso aqui (a livraria) foi fruto de uma grande desilusão – é um refúgio na minha vida”, afirma ela.

Outro aspecto comum é a presença de um argumento que auxilie tais personagens a superar suas dificuldades: Na catadora de lixo esta questão fica evidente quando ela se diz que “fica feliz” ao encontrar um resto de xampu ou batom para satisfazer sua vaidade. Ou seja, o discurso reforça a relação entre mulher e vaidade. E, ainda, a capacidade de uma mulher de se contentar com o “restinho” do lixo que recicla.

Já na história da apenada, Elenara, mesmo relatando as agruras da vida na prisão, ela enfatiza que “a cadeia não foi uma má escola”. No discurso dela, lá ela teria sido “privilegiada” pelo trabalho e por ter vivido dentro da creche. Além disso, por diversas vezes, ela discorre sobre a “culpa” de não ter tido tempo para estar mais presente na vida dos filhos enquanto estava livre, já que tinha que trabalhar. Elenara ressalta a esperança de que, ao sair da casa prisional, possa dedicar mais sua vida aos filhos. E, apesar de lamentar a distancia deles e o fato de não receber visita da família, a personagem busca sempre “justificar” estas ausências dizendo que “o teu filho não tem que estar numa cadeia (...) apesar de estar longe de mim ele está com os outros irmãos”.

Quanto à Luciana, sua livraria é o fator externo que a mantém conectada com o mundo, com a realidade – da maneira como ela prefere encará-la. Foi através dela que Luciana construiu um mundo mais ideal e que difunde suas idéias para quem quiser conhecê-las.

Chama-nos a atenção o quanto há de sabedoria naquilo que Maffesoli chama de douda ignorância (p.86). Apesar de distintos níveis culturais, todas apresentam em suas falas algum tipo de conhecimento que somente encontramos ao nos permitirmos entrar no aspecto popular, isto é, comum, corriqueiro, cotidiano destas mulheres. Este conhecimento nos traduz a pluralidade de contextos em que vivem estas mulheres.

Ao mesmo tempo, foi possível destacar, nesta pluralidade, pontos em comum que costuram nossa realidade social. Mulheres tão diferentes apresentam alguns valores comuns que nos revelam que, apesar de as diferenças de gênero estar menos evidentes, elas ainda estão presentes.

Homens e mulheres já não ocupam os mesmo modelos sociais. Se o homem ficou frágil, como afirma Baudrillard, isto não significa que a mulher se tornou mais forte. A dicotomia masculino/feminino segue existindo. E, mesmo desempenhando diferentes papéis – profissionais, mães, donas de casa - sem uma presença masculina (como no caso das três entrevistadas), as mulheres, assim como os homens, sofrem com uma espécie de vazio.

Vazio este que talvez esteja ligado à efemeridade que é apontada por Lipovetsky. Ou que seja bem traduzido por este mesmo autor como indeterminação. Independente de diferenças de gênero, homens e mulheres precisam se construir e se diferenciar:

O neo-individualismo não se reduz ao hedonismo e ao psicologismo, mas implica, cada vez mais, um trabalho de construção de si, de tomada de posse do seu corpo e da sua vida. A recusa prometética do destino e a invenção de si mesmo sem via social traçada por antecipação caracterizam esse neo-individualismo. (...) A condição social pós-moderna é comandada por esse ideal de controle soberano de si e por essa luta contra o preexistente e o herdado (Lipovetsky, 2004, p.20-21).

Referências:

BAUDRILLARD, Jean. **Tela total: mito-ironias da era do virtual e da imagem.** Porto Alegre: Sulina, 1999.

HOHLFELDT, Antonio, et all. **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências.** 9.ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2010.

LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher: permanência e revolução do feminino.** Lisboa: Instituto Piaget, 1997

LIPOVETSKY, Gilles. **Metamorfoses da cultura liberal: ética, mídia e empresa.** Porto Alegre: Sulina, 2004

MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum: introdução à sociologia compreensiva.** Porto Alegre: Sulina, 2010

SCOTT, Joan. **Gender: a useful category of historical analysis.** The American Historical Review, v. 91, n.5, 1986.

SOUZA, Jessé. **A ralé brasileira: quem é e como vive.** Belo Horizonte: UFMG, 2009

Notas

1. Formada em Jornalismo pela PUCRS, é mestranda em Comunicação pela Faculdade de Comunicação da PUCRS, onde estuda a relação da mídia com o sistema prisional feminino. Jornalista com oito anos de experiência em rádio, atualmente é âncora da Band News FM, em São Paulo.

2. Esta constatação é baseada em um projeto de pesquisa integrado pela autora que é organizado pela Professora Dra. Ana Carolina Escosteguy. No projeto, percebemos que narrativas de mulheres destituídas (Souza, 2009) estão cada vez mais freqüentes na imprensa. Tais narrativas que permeiam a mídia com histórias de vencedores parecem refletir também nas histórias de vida de mulheres entrevistadas ao longo desta pesquisa.